



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO HUMANIDADES E LETRAS (IHL)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

**A EDUCAÇÃO FAMILIAR/ESCOLAR COMO REFLEXO E AGENTE DE
TRANSFORMAÇÃO PARA A SOCIEDADE BRASILEIRA**

ELENI OLIVEIRA DE SOUSA

Acarape- CE

2017



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)**

INSTITUTO HUMANIDADES E LETRAS (IHL)

BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)

ELENI OLIVEIRA DE SOUSA

**A EDUCAÇÃO FAMILIAR/ESCOLAR COMO REFLEXO E AGENTE DE
TRANSFORMAÇÃO PARA A SOCIEDADE BRASILEIRA**

Projeto de Pesquisa, apresentado à Banca Examinadora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

ORIENTADOR: Prof. Dr. José Olavo da Silva Garantizado Júnior

Acarape (CE)

2017

APRESENTAÇÃO

A educação familiar configura um assunto de grande importância para a sociedade, inclusive para a atribuição de valores e condutas que dependem diretamente da influência dos pais, visto que estes princípios estão ligados a como estes atuam no ensinamento dos filhos, tanto que a educação primária, além de proporcionar boas práticas, também exerce a função de contribuir positivamente no meio coletivo.

Para além da educação familiar, existe ainda outro órgão fundamental dentro da sociedade que proporciona grande impacto, tanto no desenvolvimento cognitivo quanto pessoal de cada indivíduo: a escola. Nesse sentido, a presente pesquisa se articula com a temática familiar e escolar, no tocante à importância desses dois elementos essenciais da configuração organizacional de nossa sociedade.

Família e escola constituem os dois principais elos da sociedade, como também, do processo educativo. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no seu artigo 4º discorre: que é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à liberdade e a convivência familiar e comunitária.

É dever da família e das instituições escolares mobilizarem processos educativos eficazes para os indivíduos. Sendo assim, sabe-se que os efeitos dessas duas instituições, sejam positivos ou negativos, se perpetuam de forma significativa tanto no seio familiar como no ambiente escolar, validando impactos dentro e fora dessas duas instituições, devido ao aprendizado adquirido nelas.

Nesse sentido, nossa investigação será realizada na perspectiva de que tanto a família como a escola são agentes de grande importância na formação do caráter pessoal de adolescentes, sendo assim, os órgãos vitais para construir uma civilização que exerça as atividades coletivas com mais êxito e melhoria comum, ao passo que viabilizem a relação dos dois grupos para garantir uma pedagogia responsável e cidadã em sintonia com as necessidades sociais.

DELIMITAÇÃO DO OBJETO

A instrução no âmbito familiar e escolar se rege como reflexo e agente de transformação, pois a escola é responsável de formar o indivíduo e o estruturar, de modo a possibilitar o comportamento deste sujeito, transformando-o num cidadão de boa ou má conduta para viver e proceder na sociedade. Portanto, um fator importante e que deve ser posto em evidência é a pedagogia do ser humano e como esta pode ser uma das soluções para amenizar as problemáticas recorrentes, como: violências, corrupções, desrespeitos e quaisquer desordens acometidas nos dias atuais. Porém, ainda existe o equívoco de que a disciplina seja a responsabilidade somente dos educadores escolares, minando assim, as obrigações dos pais em ensinarem o essencial do qual não é a prioridade a princípio das organizações de ensino, já que estas têm a função primordial em capacitar os alunos nos conhecimentos gerais, como nas matérias de ciências humanas e ciências da natureza, para citarmos apenas duas.

Dessa maneira, a lacuna do aprendizado sobre o respeito, humildade, responsabilidade, e outros assuntos de extrema importância no tocante aos relacionamentos afetivos e sociais devem ser papéis dos educadores primários que, como defendemos neste trabalho, são os pais, e só assim, depois, a responsabilidade das instituições de ensino são postas em evidência com os ensinamentos e práticas pedagógicas escolares, com o intuito de formar pensadores e melhores cidadãos para a sociedade. Nessas perspectivas, buscou-se reunir conhecimentos e informações com o propósito de responder ao seguinte problema da pesquisa: **Como a educação familiar e escolar podem ser o reflexo e o agente de transformação para a sociedade brasileira?**

Para darmos conta desta análise, o presente trabalho será realizado numa escola da rede pública, situada em Fortaleza-CE, no bairro de Messejana, precisamente, no conjunto São Bernardo. A título de ilustração, observemos a fachada da escola:

Imagem 1- Fachada da escola Prof. Clodomir Teófilo



Fonte: <https://www.googleimagens.com.br>. Acessado em 16 de out. de 2017.

A escola Clodomir Teófilo Girão é uma comunidade escolar que trabalha com a educação infantil – anos iniciais e fundamental I. Com aproximadamente trezentos alunos, entre os turnos manhã e tarde, a escola atua na participação pedagógica de diversos públicos de famílias da comunidade do conjunto São Bernardo e outros locais adjacentes que compõem o bairro de Messejana. A instituição faz parte do quadro das escolas públicas da regional VI, caracterizada por uma organização voltada principalmente para a área infantil. Nesse sentido, os alunos dessa organização estão entre as faixas etária de 4 (quatro) aos 13 (treze) anos, cursando desde à alfabetização ao ensino fundamental I.

Ao que confere à estrutura física da escola, esta possui 15 (quinze) salas ao todo, sendo 12 (doze) para sala de aula; 1 (uma) para a biblioteca; e 1 (uma) para a sala de informática e 1(uma) para a sala dos professores; contendo quadra poli esportiva, áreas de lazer, e hortas. No quadro de profissionais pedagógicos constam: 15 (quinze) professores; 1 (uma) diretora; e 1 (uma) coordenadora. Outrossim, a E.E.F Professor Clodomir Teófilo Girão apresenta um espaço conveniente para o público educandário.

A localização desse importante espaço educacional se encontra vulnerável no tocante à violência, pois está situada em uma região marcada pela falta de segurança e proteção aos

moradores do bairro. Nesse sentido, a comunidade é caracterizada por um grande número participativo de jovens e adolescentes envolvidos na criminalidade, que, com frequência, não possuem atividades nas quais ocupem o tempo destes, evidenciando assim, a inserção deles em ações opostas à cidadania e ao bem coletivo.

Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo central analisar como a educação familiar e escolar podem ser o reflexo e o agente de transformação na formação de adolescentes, tomando-se como base o contexto social da E.E.F Professor Clodomir Teófilo Girão, localizada no Bairro de Messejana, Município de Fortaleza-CE. Para tal, teremos como objetivos específicos:

- A) Investigar como a escola se articula e vivencia tal contexto social no bairro de Messejana, e se a E.E.F Professor Clodomir Teófilo Girão interage com a família no exercício da educação dos adolescentes daquela comunidade.
- B) Empreender um estudo sobre a relevância do ensino primário e ensino formal na vida do ser humano, informando o quanto estes influenciam na representação e na transformação de cada indivíduo, e como afeta positivamente ou negativamente a comunidade, já que os indivíduos constituintes da organização familiar e escolar atuarão na sociedade, exercendo os aprendizados adquiridos nos laços de parentesco e meio escolar;
- C) Verificar os impactos que a relação família e escola proporcionam e se existe essa integralização dos pais e professores em prol de uma formação de qualidade dentro do contexto da instituição pública na qual será analisada.

Neste intuito, a presente pesquisa é relevante para os estudos de Humanidades, pois sua proposta teórica tenta mobilizar e orientar aos diversos públicos sobre a influência familiar e escolar que estes dois grupos possuem, e ainda, como são organismos necessários e de grande impacto na formação de cidadãos transformadores sociais quando trabalham conjuntamente.

JUSTIFICATIVA

Ninguém desconhece o fato de que grande parte das escolas da rede pública possuem deficiências em diversos setores, como educação, estrutura, alimentação e outros traços negativos que permeiam o contexto desse cenário. Entretanto, existe uma causa maior na qual precisa ser colocada em evidência: a relação família e escola no tocante à educação como influência na construção do ser humano, em especial, o sujeito mais jovem. Esse ponto deficiente é um dos fatores que contribuem para uma série de desdobramentos ineficientes no processo de desenvolvimento tanto pessoal como cognitivo do indivíduo.

De fato, as escolas públicas deixam a desejar quando se trata da interação dos professores com os responsáveis, acarretando comprometimentos no que tange ao rendimento do aluno, e também na ligação conjunta na qual envolve a família dentro do ambiente escolar, buscando, nessa política, melhorias mútuas, tanto no âmbito familiar quanto escolar.

Sendo assim, nosso trabalho é importante, pedagogicamente, pois mobilizará e orientará aos diversos públicos, especificamente, a comunidade escolar e familiar dos alunos da E.E.F Professor Clodomir Teófilo Girão, e a comunidade do conjunto São Bernardo em Messejana, sobre a influência familiar e escolar, como também, os impactos da relação família e escola, organismos necessários e de grande responsabilidade na formação de cidadãos transformadores sociais.

A base teórica que sustentará nosso trabalho serão os achados de Aranha (1996), que analisou a abordagem da educação e da pedagogia brasileira concomitante à educação geral, a fim de ilustrar os principais pontos históricos referente ao processo da educação no Brasil. Também, como sustentação de ideias, utilizaremos o pensamento de Freire (1974), no qual realça a discussão de que há a necessidade de uma educação livre e transformadora, na qual depende da ajuda escolar, familiar e da sociedade de uma forma geral.

Da mesma maneira, nosso trabalho é necessário para os estudos das Ciências Humanas, por mobilizar conhecimento de importância social, no que tange às possíveis mudanças advinda do assunto família e escola. Para além da produção do conhecimento em favor da sociedade, este estudo também se faz relevante por ser um tema reflexivo nas categorias das ciências sociais, visto que o ser humano e o seu processo de aprendizagem é posto em evidência.

No final da pesquisa, esperamos alcançar nossos objetivos traçados e, também, almejamos ainda que o assunto família e escola tenham interessado ao público da pesquisa e

que de alguma forma tenha sido um instrumento educativo capaz de mobilizar o interesse de mudança para ocasionar melhorias na comunidade investigada.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA PRELIMINAR

A família nas perspectivas das Ciências Humanas

Diversos estudos no campo das ciências humanas existem com o intuito de responder a definição conceitual da família. Na sociologia, a família é um órgão socializador para o ser humano, pois é nela que os primeiros contatos e comunicações acontecem. Nesse sentido, para esta importante área do conhecimento, tem-se uma divisão clássica do processo de socialização em duas fases: a socialização primária e a socialização secundária. De acordo com Berger e Lukman, (2001, p.112),

“socialização primária pode ser definida como a fase que o indivíduo atravessa na infância e mediante a qual se transforma em membro da sociedade. Já a socialização secundária representa o processo posterior, que incorpora o indivíduo já socializado a novos setores do mundo objetivo de sua sociedade”.

É importante salientar que as características da socialização são historicamente determinadas. Portanto, o enfraquecimento da capacidade socializadora da família corresponde às mudanças na carga emocional com que são transmitidos os conteúdos da socialização primária e a precocidade cada vez maior com que se apresentam as possibilidades de escolha. Esse pensamento é similar ao de Gokhale (1980), no qual defende que, na sociedade atual, os conteúdos da socialização primária são transmitidos com uma carga afetiva diferente da do passado, e tanto os grupos como as opções predefinidas as quais uma criança é exposta tendem a diferenciar-se, a multiplicar-se e a modificar-se com uma velocidade sem precedentes.

Ainda no pensamento sociológico, é a família mediadora entre o indivíduo e a sociedade, pois com ela que aprendemos a perceber o mundo e a nos situarmos nele. É a essa importante noção responsável por ser formadora de nossa primeira identidade social. Ela é o primeiro ponto a quem aprendemos a nos referir. É nessa instituição, pois, que se dão os primeiros contatos com o mundo das regras, dos valores vigentes na sociedade. Para Gokhale (1980), ao se constituírem nas primeiras referências e figuras da autoridade, os pais se tornam responsáveis pelas diversas formas com que seus filhos irão lidar posteriormente com os limites impostos pela vida em sociedade. Ao assumir esse papel formador, a família participa

com a escola de um projeto comum, que é o da formação/educação da criança e do adolescente.

Já no enfoque antropológico, Lopez (2000) observa que o Brasil cada vez mais urbano vem sendo marcado por profundas transformações sociais, econômicas, culturais, éticas e de comportamento humano. Porém, permanece um consenso em torno da família, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vem se estruturando, como espaço privilegiado para a prática de valores comunitários e o aprofundamento das relações de solidariedade, reiterando a permanência de suas funções, consideradas insubstituíveis quanto à assistência, promoção de valores, educação, proteção aos seus membros, e lugar de encontro de gêneros e gerações.

Na Filosofia, temos claro que a noção de família tem papel importante na sociedade. Ao se reportar a esta noção, Castoriadis (1992), necessariamente, enfoca-se no processo de socialização que leva o sujeito na relação com outros a ser um indivíduo social. Qual a função materna nessa relação de socialização? A mãe é alguém que fala, portanto, é um indivíduo social falando a linguagem de determinada sociedade, portadora de significações imaginárias específicas dessa sociedade.

Esse processo de socialização inicia-se no primeiro dia de vida e segue até a morte. É esse processo que leva o indivíduo social, uma entidade falante, a ter uma identidade e um estado social, a ajustar-se mais ou menos a certas regras, a buscar certos fins, a aceitar valores e agir conforme motivações e modos de fazer estáveis para que o seu comportamento seja, na maior parte do tempo, previsível para outros indivíduos. (ZAGURY, 2002, p.15).

O resultado desse processo é um indivíduo que funciona adequadamente para ele mesmo na maior parte do tempo e, sobretudo, para a sociedade.

Por fim, na Pedagogia, a família precisa articular com a escola, para atingir uma educação com maior eficiência. Observa-se que educar não é uma tarefa fácil. Hoje é preciso ir contra a corrente de certas tendências sociais de forte influência, como a preponderância da comodidade, o hedonismo, a facilidade na aquisição de bens, o egoísmo e outras manifestações da sociedade de consumo que não são precisamente aspectos que ajudam a melhorar a consciência moral, individual e coletiva. Para Carvalho (2000), educar consiste em saber dizer não em algum momento. Não se trata de reforçar a negativa arbitrariamente. Exercer a autoridade que legitima a educação também implica dar explicações do que fazemos e propomos; significa ouvir e deixar a porta aberta à revisão da norma sempre que necessário. Exercer a autoridade significa respeitar a personalidade dos filhos e dos alunos, que devem ter o direito de exprimir sua opinião.

Se cometermos erros em nosso posicionamento, temos de reconhecer e retificá-los, mas com a mesma convicção que mostramos em nossa posição anterior. Ser firme nas crenças e nos princípios defendidos não implica ser imutável, nem tão pouco mudar de opinião, significa ser desprovido dela. Portanto, a falta de atuação convincente deixa a criança sem referência e lhe provoca angústia, insegurança, o que será aproveitado por outros modelos para cobrir o vazio existente.

De modo geral, a participação dos pais deve se concretizar no auxílio a atuação pedagógica escolar. Isso implica propiciar a escola o suporte necessário para que educação escolar seja o fruto de coordenação e coerência entre as atuações dos professores e da família. Por parte da escola, essa participação dos pais deve ser considerada no próprio planejamento das tarefas que os professores realizam. Ao planejar o que fazer na importância do papel dos pais. Esse pensamento se assemelha ao que defende Marques (2000), advogando que a realização do acolhimento e da socialização dos alunos pressupõe o enraizamento da escola na comunidade. A interação entre equipe e escolar, alunos, pais e outros agentes educativos possibilita a construção de projetos que visam a melhor e mais completa formação do aluno. A separação entre escola e comunidade fica demarcada pelas atribuições e responsabilidades e não pela realização de um projeto comum.

Pequeno histórico da educação no Brasil

A educação escolar no Brasil interage com o processo histórico e influenciador da cultura europeia, já que Portugal era a Metrópole e por isso, dominava o território brasileiro. Nessas perspectivas, quando os portugueses invadiram com suas caravanas as terras brasileiras, logo o fez como a sua colônia, um local que exerceria seus interesses e vontades em favor do país de Portugal, ou seja, tudo o que eles conquistavam e usufruíam na nova terra, levavam para o local de origem, como retorno de riqueza (ARANHA,1996).

Portugal, não somente com interesses materiais, exerceu no Brasil também uma nova cultura, repassada pela educação, com os ensinamentos dos padres jesuítas pelo projeto da Companhia de Jesus, que visava catequizar os indígenas e implantar neles os modos civilizados e religiosos que eram típicos do povo europeu.

Nesse sentido, surgia a educação catequizadora em que minava os primitivos das suas culturas, crenças e atividades, visto que os índios foram privados de cultuar seus deuses, tiveram que usar roupas, e tiveram que trabalhar da maneira que os dominadores quisessem.

Aranha (1996) ressalta que, para melhor compreender a ação dos jesuítas no Brasil, é conveniente observar que, após a Reforma, o Concílio de Trento empreendeu a Contra-Reforma, destinada a impedir a propagação da dissidência religiosa. Além dos Jesuítas, com ação mais intensa, eficaz e duradoura, outras ordens se empenham nesse trabalho, como as dos franciscanos, dominicanos, carmelitas e beneditinos.

Com a chegada do primeiro governador-geral, Tomé de Sousa em 1549, chegaram também os jesuítas encabeçados por Manuel da Nóbrega. Em apenas 15 dias os jesuítas já faziam funcionar em Salvador uma escola “de ler e escrever”. Este foi o início do processo de criação de escolas elementares, secundárias, seminários e missões, espalhados pelo Brasil até o ano de 1759, quando os jesuítas são expulsos do Brasil pelo marquês de Pombal (ARANHA, 1996, p.14).

Em todo o período em que tiveram no Brasil, cerca de 210 anos, a ação jesuítica na catequese foi maciça, em que eles educaram os filhos dos colonos, formaram novos sacerdotes e da elite intelectual, além de exercerem o forte controle da fé e da moral dos habitantes da nova terra. A tarefa dos jesuítas foi árdua, pois havia vários empecilhos: o clima, a distância entre os lugares, a dificuldade de comunicação com os indígenas, e falta de costumes morais exigidos pela religião por parte dos portugueses que aqui chegaram sem suas esposas.

A obra dos jesuítas, apesar de evasiva, culturalmente, era muito bem estruturada e com metas bem traçadas. Além de catequizar, eles também ensinavam a ler e escrever. A catequese dos índios era feita nas missões, onde geralmente se construía grandes ocas e os jesuítas catequizavam os índios e os ensinavam a plantar, ou seja, tentavam deixá-los longe dos olhos dos portugueses.

A educação proporcionada pelos jesuítas não atingia a todas as classes, mas era uma forma de classificar socialmente. E foi essa classificação social proporcionada pela educação que fez aumentar a procura da escola por parte dos mestiços, levando os jesuítas, em 1689, a proibir a matrícula de mestiços “por serem muitos e provocarem arruaças”, mas tiveram de renunciar a decisão a decisão discriminatória, tendo em vista subsídios que recebiam.

Segundo Brandão (1986), embora recebessem educação padronizada, os brasileiros entravam em contato com outros estilos de vida e traziam as aspirações da civilização urbana mais avançada vislumbrada no Velho Mundo para contrapor ao modo de vida rural e patriarcal da colônia. Esses elementos de diferenciação fazem germinar ideais políticos e sociais reveladores da insatisfação com o *status quo*.

No Século XVIII, surgem as críticas a Companhia de Jesus denunciando-se o dogmatismo da escolástica decadente entre outros motivos educacionais. A educação proporcionada tinha por tendência o liberalismo e o laicismo, e foi neste século que começaram a surgir as dificuldades do ensino. Os problemas de ensino na Europa influenciam em todos os lugares onde os jesuítas estão.

Após a expulsão dos jesuítas tem início a Era Pombalina que impõe uma reforma na educação brasileira. Esse período foi um retrocesso para a educação brasileira, pois somente dez anos mais tarde o marquês de Pombal iniciou a reconstrução do ensino brasileiro, mas suas providências desconexas e sem planejamento colocaram a educação brasileira em xeque.

Segundo Aranha (1996), no período do império as mudanças políticas e educacionais foram intensas. Neste período a atuação educacional é irregular, fragmentada e quase nunca com resultados satisfatórios, sendo este momento resultado da lenta passagem da sociedade rural-agrícola para uma sociedade urbano-comercial. O processo era o mesmo, havendo uma importação de costumes, valores e metodologias educacionais da Europa.

Como a maior preocupação era com o ensino superior, o ensino secundário ficava em segundo plano. Segundo Azevedo (1963), a educação teria de arrastar-se, através de todo o Século XIX, sem organização, anárquica, incessantemente desagregada. Entre o ensino primário e o secundário não há pontes ou articulações: são dois mundos que se orientam cada um na sua direção.

Já no Século XX, os desafios da educação no Brasil eram infinitos. Ocorrem neste século passamos por quatro momentos políticos distintos: Primeira República, Segunda República, Ditadura Militar e Nova República, cada uma com suas implicações educacionais.

Segundo Nagle (1974), na Primeira República tivemos a forte influência do positivismo e do escolanovismo, sendo neste período em que houve o Manifesto dos Pioneiros visando combater a escola elitista e acadêmica tradicional, que se acha sob o monopólio da Igreja. Ocorre também a Reforma Francisco Campos que propõe um novo estatuto das universidades brasileiras e que divide o ensino secundário passa a ter dois ciclos: um fundamental, de cinco anos, e outro complementar, de dois anos. Neste período também temos a Reforma Capanema que trouxe poucas modificações para a educação e ocorre a expansão do ensino.

Na Segunda República, temos um marco importante: a promulgação da Primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que, depois de transitar por treze anos no Congresso Nacional, é promulgada em 1961, ficando em vigência por apenas quatro anos devido ao golpe militar de 1964. Paulo Freire contribuiu significativamente para que a Lei

fosse promulgada, contudo, após o golpe, foi exilado por causa de seus ideais e forma de ver a educação.

Sobre esse assunto, é importante as ponderações de Saviane (1999), que faz duras críticas ao período da ditadura de chumbo e evidencia que este foi um período de retrocesso em todos os âmbitos para nosso país. Nas palavras de Saviane (1999), os anos de chumbo, 20 anos de nossa história, representaram um retrocesso pior que a expulsão dos jesuítas para a educação, pois os militares fizeram da educação nacional uma forma de coibir a participação e a crítica, e isso se fez de forma violenta. Os Diretórios Acadêmicos e Diretórios Centrais dos Estudantes foram desestruturados, mas se reergueram de forma clandestina. A educação passou a ser tecnicista.

Na Nova República, que teve início com a eleição de Tancredo Neves o qual não chegou a assumir o poder, pois faleceu dias antes de sua posse, levando ao poder José Sarney, tendo início no Brasil uma nova era para a educação. Entra em cena a Pedagogia histórico-crítica, que contou com um grupo renomado de filósofos, teólogos, sociólogos e educadores brasileiros. Em 1996, é promulgada a Nova LDB e ocorre um novo recomeço na educação. Agora temos uma educação voltada para a tecnologia, para a formação para a vida e geradora de cidadãos críticos e reflexivos.

Observando esse pequeno histórico da educação brasileira podemos observar que não há uma explicitação teórica que referencie a participação da família na escola, bem como a sua importância no processo de aprendizagem.

A relação escola e família

A necessidade de se estudar a relação família e escola se sustenta e é reafirmada quando o professor se esmera por considerar o aluno sem perder de vista a globalidade da pessoa, ou seja, compreendendo que quando se ingressa no sistema escolar, não se deixa de ser filho, irmão, amigo etc.

Segundo Paro (2000), pesquisador que realizou um estudo sobre o papel da família no desenvolvimento escolar de alunos do ensino fundamental, o distanciamento entre escola e família não deveria ser tão grande, pois para ele a escola não assimilou quase nada de todo o progresso da psicologia da educação e da didática, utilizando métodos de ensino muito próximos e idênticos aos do senso comum predominantes nas relações familiares. O autor se remete ao fato de que a atual escola dos filhos é bastante parecida com a escola que os pais frequentaram e, por isso, estes últimos não deveriam sentir-se tão distanciados do sistema

educacional, e também o professor, embora admita a necessidade da participação dos pais na escola, não sabe bem como encaminhá-la.

Nas palavras de Paro (2000, p. 68), “parece haver, por um lado, uma incapacidade de compreensão por parte dos pais, daquilo que é transmitido na escola; por outro lado, uma falta de habilidade dos professores para promoverem essa comunicação” (PARO, 2000, p.68). Infelizmente, as pesquisas que relacionam as instituições escola e família são de número bastante reduzido. Para ele, o papel da família é importante no desempenho escolar dos filhos e ainda conclui que há uma relação interdependente entre as condições sociais da origem das famílias e a maneira que se relacionam com as escolas, além do fato de que, transformações visíveis pelas quais passam ultimamente, tanto as escolas quanto às famílias, naquilo que diz respeito às suas estruturas e dinâmicas internas, são reveladores de uma tendência crescente de conexão entre os territórios: família e escola.

De acordo com Nogueira, Romanelli e Zago (2000), muitas pesquisas vêm, primeiramente, oferecer contribuições imprescindíveis para o “repensar” desta complexa relação, mas elas também reafirmam com dados semelhantes, uma conclusão de senso-comum, colhida dos discursos da grande maioria dos professores, sejam da educação infantil, do ensino fundamental, ou do ensino médio: o fato da família não ir bem, influencia negativamente o desenvolvimento escolar dos filhos. Tais constatações se explicitam em verbalizações como: “os pais dos alunos com dificuldades de aprendizagens, são exatamente aqueles que não comparecem às reuniões”; “eu sei que as reuniões de pais nem sempre são agradáveis, mas temos que lhes contar a realidade sobre seus filhos”; “como o aluno pode ir bem na escola, se seu pai bebe, se sua mãe o abandonou? ”; “eu mando lições, e pesquisas para casa, e o menino vem me dizendo que seu pai ou mãe não teve tempo de ajudá-lo”.

Mas enquanto aos pais, quais seriam os seus pensamentos? Caso as perguntas acima anotadas, fossem a eles dirigidas, como as responderiam? Em sua pesquisa, Sá (2001) aponta a existência de uma “duplicidade discursiva”, a família demonstra que possui preocupação e desejo de envolver-se com os assuntos escolares. Por outro lado, os discursos dos educadores demonstram o interesse na participação dos pais em situações que acontecem fora dos muros da escola, como o auxílio nas tarefas de casa. Temerosos de que estes últimos, ao obterem uma ampliação de poder frente à gestão escolar, terminem por invadir áreas que, segundo Sá (2001), não lhes pertencem como, por exemplo: avaliação dos professores, definição de calendário e currículos escolares, entre outros, os professores acabam ofertando possibilidades de participações restritivas, ou exigem um conhecimento que os pais não possuem, acabando por afastar a família que, nas palavras do autor, “ao recusarem as ofertas participativas que lhe são proporcionadas, arriscam-se a ser etiquetados como pais negligentes, inaptos e

irresponsáveis, a quem pode facilmente ser imputada a culpa pelos eventuais insucessos dos seus educandos” (PARO, 2000. p.97).

Segundo Paro (2000), podemos dizer que, além de problemas como professores mal formados e outros, a escola tem falhado também e principalmente “por que não tem dado a devida importância ao que acontece fora e antes dela, com seus educandos. ” (p.15). E como ponto de partida para a busca de uma solução para tal realidade, articula sua pesquisa, “com a preocupação de estudar formas organizacionais mais adequadas de integração dos pais a propósitos escolares de melhoria de ensino” (PARO, 2000, p.15).

Obviamente, as reuniões de pais são os momentos mais representativos destas intersecções entre família e escola. Lino e Macedo (1996) relatam alguns dos muitos sentimentos que permeiam tal relação, quando escreve a apresentação do livro “Reunião de Pais: Sofrimento ou Prazer?”, obra através da qual as autoras apresentam propostas para a elaboração de reuniões que conduzam a um esforço comum e recíproco entre pais e professores, para promoverem o desenvolvimento das crianças.

Apesar da incompleta enumeração dos aspectos preponderantes na relação família-escola, aspectos estes como se nota, principalmente de ordem afetiva e moral, vê-se que a tarefa de se construir uma parceria entre tais instituições se faz mister, uma vez que a escola não sustenta ou talvez jamais tenha sustentado a posição de substituta da família na função educadora, tão pouco, caberá a esta assumir uma postura de resistência e rivalidade, baseada em uma aproximação unilateral, que venha a submeter a família, a partir da exagerada consideração de uma possível ignorância e incapacidade desta última para educar e socializar. Na verdade esta hegemonia da instituição escolar sobre a familiar, naquilo que concerne à formação e ou competência similar é irreal, pois o desenvolvimento do aluno depende entre tantos fatores, mas especialmente da boa solução desses aspectos apontados anteriormente.

Para Paro (2000), a escola, portanto, necessita dessa relação de cooperação com a família, pois os professores precisam conhecer as dinâmicas internas e o universo sócio-cultural vivenciados pelos seus alunos, para que possam respeitá-los, compreendê-los e tenham condições de intervirem no providenciar de um desenvolvimento nas expressões de sucesso e não de fracasso diagnosticado. Precisam ainda, dessa relação de parceria para poderem também compartilhar com a família os aspectos de conduta do filho: aproveitamento escolar, qualidade na realização das tarefas, relacionamento com professores e colegas, atitudes, valores, respeito às regras.

Função da escola

A função da escola é proporcionar um conjunto de práticas preestabelecidas tem o propósito de contribuir para que os alunos se apropriem de conteúdos sociais e culturais de maneira crítica e construtiva. Esta função socializadora nos remete a dois aspectos: o desenvolvimento individual e o contexto social e cultural. (FREIRE, 2000. p. 132)

A citação de Freire (2000) é importante para entendermos o quanto a escola se faz necessária para o processo de construção crítico e social do aluno. Esse pensamento é similar ao de Formiga (1999, p. 2), que defende “o papel formal da escola é o de ser a principal responsável pela organização, sistematização e desenvolvimento das capacidades científicas, éticas e tecnológicas de uma nação”. Inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, a escola tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania, sua qualificação para o trabalho, bem como meios para progredir nele e em estudos posteriores.

Assim, o conhecimento hoje é entendido como um valor especial, mais até do que bens materiais. Em meio às incertezas que o atual momento tende a despertar, num ponto estão todos de acordo: a importância do conhecimento para todos os indivíduos, sobretudo os jovens, para enfrentar o presente e o futuro. Temos que ensinar bem e preparar os indivíduos para exercer a cidadania e o trabalho no contexto de uma sociedade complexa (GADOTTI, 2003, p.50).

Para Libâneo (1999, p. 56), a educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permite navegar através dele. Nesse sentido, percebemos que a escola tem algumas demandas em que cabe ela executar em prol da melhoria do corpo estudantil, demais pessoas, e conseqüentemente a sociedade. Para a UNESCO, a educação deve se mirar nos seguintes pressupostos:

- a) **Aprender a conhecer:** para mostrar como devemos aprender a conhecer, é preciso ter em mente que este tipo de aprendizagem tem a finalidade e o seu fundamento é o prazer de compreender, de conhecer e de descobrir. Para isso a educação deverá criar formas para que a escolaridade tenha seu tempo prolongado, ou seja, que o adulto, após concluir seus estudos possa prosseguir com vontade de fazer novos cursos, pesquisa etc., fazendo-o perceber que o aumento do saber o faz compreender melhor o ambiente, sob os seus diversos aspectos, com isso ser mais crítico e atualizado. Na criança, despertá-la e aguçá-las para que tenha mais prazer de estudar, mas é essencial que ela possa ter acesso às metodologias científicas, com isso possa ser "amiga da ciência".
- b) **Aprender a fazer:** aprender a conhecer e aprender a fazer são em larga medida indissociáveis. Porém aprender a fazer tem maior referência com a formação profissional. O indivíduo aprende e põe em prática os seus conhecimentos. Temos que perceber que aprender a fazer não pode ser apenas ensinar o jovem para uma função onde fará uma tarefa material. Para isso deverá o jovem ser sempre atualizado, de acordo com o desenvolvimento industrial.
- c) **Aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros:** para que todos possam aprender a viver juntos, e aprender a viver com os outros, tem a educação

um papel importantíssimo, e um grande desafio, já que a opinião pública toma conhecimento através dos meios de comunicação e nada pode fazer. A história humana sempre foi escrita pelos conflitos raciais e até mesmo de religiosos etc. Cabe a educação trabalhar para a mudança deste quadro desde a simples ideia de ensinar a não violência, o não preconceito etc. Porém deve utilizar duas vias complementares, primeiro a descoberta progressiva do outro, segundo ao longo de toda a vida a participação em projetos comuns que parece um método eficaz para evitar ou melhorar conflitos latentes.

Aprender a ser: a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa, espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todos os seres humanos devem ser preparados pela educação que recebe, para agir nas diferentes circunstâncias da vida. Para isso cada um deverá ter pensamentos autônomos e críticos, ou seja personalidade própria.

Para Saviani (1992), deverá o ser humano estar preparado para as mudanças principalmente evitar a desumanização do mundo relacionado com a evolução técnica. Exercer a autoridade que legitima a educação também implica dar explicações do que fazemos e propomos; significa ouvir e deixar a porta aberta à revisão da norma sempre que necessário. Exercer a autoridade significa respeitar a personalidade dos alunos, que devem ter o direito de exprimir sua opinião.

A Educação como agente de transformação social

A educação tem um papel essencial quando se trata das relações do homem com a natureza e a sociedade na qual está inserido, desta maneira, é importante evidenciá-la como um mecanismo de grande importância para o ser humano repensar, e produzir ações que sejam positivas para a coletividade. Nesse sentido, pensar numa educação transformadora implica incorporar boa parte dessa tarefa para a escola, já que ela está tão presente na vida do indivíduo, desde a sua infância, à vida adulta.

Freire (1975), diz-nos que a escola deve ser um lugar de trabalho, de ensino e de aprendizagem. Para o autor, a escola deve ser um lugar em que a convivência permita estar continuamente se superando, porque a ela é o espaço privilegiado para pensar. Ele que sempre acreditou na capacidade criadora dos homens e mulheres, e pensando assim, é que apresenta a escola como instância da sociedade. O autor defende ainda que “não é a educação que forma a sociedade de uma determinada maneira, senão que esta, tendo-se formado a si mesma de uma certa forma, estabelece a educação que estar de acordo com os valores que guiam essa sociedade” (FREIRE, 1975, p. 16).

A educação transformadora também está envolvida com os outros órgãos sociais, a exemplo da família, que produz grande influência sobre a vida do ser humano. Nesse sentido, Freire (1975) apresenta-se como o educador que, ao pensar o homem, a sociedade e suas relações, preocupou-se em discutir a educação brasileira e pensar meios de torná-la melhor mediante o compromisso e a participação de todos, na perspectiva de uma educação libertadora capaz de contribuir para que o educando se torne sujeito de seu próprio desenvolvimento, diante da presença orientadora que tem o educador.

Na mesma linha de raciocínio, Freire (1975) advoga para o fato de a educação ser um ato de amor e coragem, sustentada no diálogo, na discussão e no debate. O que requer o olhar para os saberes dos homens e mulheres, já que não ignoramos tudo, da mesma forma que não dominamos tudo. Cabe a nós a compreensão de que a história é um processo de participação de todos, e neste sentido e na escola que encontramos mais um lugar privilegiado para o ensino e a aprendizagem.

Para tanto, propõe uma educação transformadora, educação para a democracia pela participação de todos, calcada no homem livre, racional, capaz de promover mudanças através do consenso entre grupos e classes sociais, por meio de reformas histórico-culturais, ou seja, no pensar a realidade do trabalho humano como uma obra de cultura, um ato cultural (FREIRE, 1974).

Ainda na visão do autor, a educação transformadora é aquela que produz pessoas livres para pensarem e serem ativas, sem interferências; ocasionando primeiramente a mudança no ser humano, e a partir da mudança do homem, acontecer a transformação social. Nessas perspectivas, entendemos que quando a educação modifica o homem, este passa a querer também mudar aquilo e aqueles que estão a sua volta, por isso, o referido autor embasa a ideia de que primeiro o ser humano precisa ser mudado, para conseqüentemente modificar o que está a sua volta.

Integração dos pais na escola

É preciso existir mecanismos para mobilizar a interação dos pais dentro do contexto escolar, visando sempre a melhoria do aluno tanto no seu convívio familiar, como também, no escolar. A primeira proposta pode ser o grupo de pais. De acordo com Outeiral (2003), os grupos com pais podem ser de diversos tipos:

- a) **Grandes grupos** reunidos para discussão de um tema geral escolhido pelos pais e com a ajuda de outros profissionais. Inicia-se com uma exposição e, posteriormente, a formação de pequenos grupos para reflexão e discussão sobre a

temática em pauta. Ao final, retorna-se ao grande grupo com uma sinopse realizada pelo secretário de cada pequeno grupo e o coordenador realizando uma síntese.

b) **Pequenos grupos** para reflexão e discussão sobre temas e/ou situações específicas que podem ser sugeridas pelos pais e/ou pela escola em períodos determinados consensualmente como reuniões quinzenais com uma hora e meia de duração por alguns meses.

c) **Grupos de pais, professores e alunos** reunidos para discutir questões comuns na escola (OUTEIRAL, 2003, p. 16)

Outra proposta é o Centro familiar. De acordo com Marques (1997), essa experiência foi realizada pela Escola Rumo ao Futuro em Portugal. Trata-se de um espaço próprio, situado dentro ou perto da escola, cuja utilização é reservada aos familiares dos alunos, com o fim de conceberem e concretizarem atividades de envolvimento e participação no processo educativo e na vida da escola.

O centro deve ter a coordenação de um pai ou uma mãe que se encarregarão dos arranjos físicos, distribuição de informações e marcação de reuniões. Sendo um espaço para múltiplas atividades, como sala de reuniões para os pais, sala de reuniões para os pais e professores, local de encontro, local de convívio, deve está equipado com uma mesa redonda, cadeiras, sofá, armários, geladeira, telefone, computador e impressora. Equipado desta forma e gerido pelas famílias dos alunos, o centro é um espaço criativo, onde as famílias ganham um sentimento de posse e de pertencimento.

Com isso, podemos observar que é possível concretizar um bom relacionamento entre pais e professores, entre escola e pais basta que ambas as partes tenham coragem de dar um passo a frente. De dar ideias, de envolver-se no projeto educativo de seus filhos. Partindo destas análises teóricas percebe-se como é importante a participação da família na escola. Portanto apresenta-se no próximo capítulo a análise dos dados relacionados a pesquisa que demonstrarão a relação da teoria e da prática.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, levaremos em conta o processo de pesquisa denominado de “método de pesquisa mista”. Para Creswell (2007), a pesquisa de métodos mistos “é uma abordagem de investigação que combina ou associa as formas qualitativa e quantitativa” (Creswell, 2007, p. 27). As formas de pesquisa qualitativa e quantitativa são totalmente díspares, pois, no método misto, uma sempre prevalecerá sobre a outra, e, ao mesmo tempo, complementam-se na análise e na obtenção dos resultados.

Para executar a pesquisa quantitativa, ocorrerá a elaboração de um questionário fechado composto por 10 perguntas, baseadas no método da escala Likert. Esta forma de se realizar pesquisa consiste em especificar o nível de concordância de uma afirmação, e, para a obtenção dos resultados a partir desta escala, é utilizado uma enumeração de 0 a 4, em que o 0 corresponde a discordo totalmente, e 4 leva o valor máximo de significância, o concordo totalmente. Utilizamos perguntas como “A instituição tem políticas voltadas para a participação dos pais na escola?” e “Os professores estão mobilizando estratégias para a integração escola- família?” Medindo o grau de interesse dos professores sobre o tema pesquisado.

Por meio desse questionário fechado, iremos analisar o nível de satisfação e de interesse de alguns professores do ensino fundamental das turmas do 1º ano A manhã/tarde e 5º ano A manhã/tarde da escola Professor Clodomir Teófilo Girão.

Após o questionário fechado, será aplicada a segunda parte de nossa pesquisa, em que colocamos em prática o método de pesquisa qualitativa. Por meio de uma entrevista com alguns estudantes do 1º ano A manhã/tarde e outros do 5º ano A manhã/tarde, com seus consentimentos, em que estes responderão algumas perguntas a respeito da temática da educação familiar e escolar; especificamente, a coleta de respostas dos alunos acontecerá por meio de um gravador de voz, ou se caso o participante não queira gravar, o pesquisador transcreverá as respostas dos alunos, descrevendo as informações passadas por eles. Algumas perguntas acontecerão da seguinte maneira: “O que você acha sobre a importância da educação escolar? Por que você acha isso? “Você acha que a sua família participa das atividades e interesses da sua escola? Você acha importante a relação da escola e família? ”. Com o término dessa etapa e com todos os dados coletados, será efetuado uma última análise pelos integrantes da equipe pesquisadora, obtendo assim os resultados e transformando-os em gráficos e dados para a compreensão do método quantitativo, analisando as respostas dos entrevistados para o método qualitativo, tendo em mãos o material para a apresentação ao público.

Ressaltando ainda que o perfil dos participantes são estudantes com faixa etária entre 5 e 13 anos, que estão cursando o ensino fundamental. Solicitando assim a questão de analisar estudantes com baixo rendimento escolar e com um bom desenvolvimento social e cognitivo. Para além do perfil dos participantes, adiciona-se o ambiente da realização da pesquisa: EEF.

Professor Clodomir Teófilo Girão, situado na Tv. Rutilo, em Fortaleza-ce. Dispondo de cerca de 300 alunos, sendo 150 dos turnos de manhã e 150 tarde.

6 CRONOGRAMA

Atividades	2018.1				
	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
Revisão da bibliografia	X				
Ida à escola		X	X		
Coleta do Corpus				X	X
Atividades	2018.2				
	Jul	Ago	Set	Out	Nov
Análise preliminar do Corpus	X				
Visita à comunidade Messejana		X	X		
Leituras sobre Família e Escola				X	
Elaboração de artigo acadêmico					X

Referências

- ARANHA, Maria Lucia Arruda. *Historia da Educação*. São Paulo: Moderna, 1996.
- AZEVEDO, Miguel. *Ofício de mestre. Imagens e auto-imagens*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1963.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*, Petrópolis: Vozes, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. 33 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. *A família contemporânea em debate*. São Paulo: Cortez, 2000.
- CASTORIADIS, Cornelius. *O mundo fragmentado: as encruzilhadas do labirinto III*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, P. (1974) *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, P. (1975). *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 148p.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. 158p.
- FORMIGA, Marcos. *Educação para o trabalho. A era do aprender*. *Jornal do Brasil*, Janeiro, 1999.
- GADOTTI, Moacir. *Saber aprender: um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação*. In: LINHARES, Célia; TRINDADE, Maria. *Compartilhando o mundo com Paulo Freire*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003.
- GOKHALE, S. O. *A Família Desaparecerá?* In *Revista Debates Sociais* nº 30, ano XVI. Rio de Janeiro, CBSSIS, 1980.
- LIBÂNEO, J. C. *Adeus professor, adeus professora? – novas exigências educacionais e profissão docente*. São Paulo: Cortez, 1998.
- LOPEZ, Jaume Sarramona. *Educação na Família e na Escola: O que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2000.
- MACEDO, Lino de (org). *Cinco estudos de educação moral*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996a. p. 105-35.

MARQUES, Ramiro. A escola e os pais: como colaborar? São Paulo: Texto Editora, 1997.

Marques, R. (2000). A Arte de Ensinar - Dos Clássicos aos Modelos Pedagógicos Contemporâneos. Lisboa: Plátano Editora.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU, EDUSP, 1974.

NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (orgs). Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

OUTEIRAL, José. CEREZER, Cleon. Importância da Função Paterna no Desenvolvimento da Criança e do Adolescente. In: OUTEIRAL, José CEREZER, Cleon. O mal-estar na Escola. Rio de Janeiro: Revinte, 2003.

PARO, Vitor Henrique. Gestão Democrática da Escola Pública. 5. ed. São Paulo: Ed. Xamã, 2000.

SÁ, V. “A (Não) Participação dos Pais não Escola: a eloquência das ausências. In: Veiga, I. P. A.; Fonseca, M. (orgs). Dimensões do Projeto Político Pedagógico. Campinas. Ed. Papirus, 2001.

SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1992.

SAVIANI, Demerval. Escola e Democracia. 35. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 1999.

ZAGURY, Tânia. Escola sem conflito: parceria com os pais. Rio de Janeiro: Record, 200.

Anexos:

Questionário Fechado para os professores

Questionário

Assinale com um (x) a alternativa que o melhor satisfaz em respeito as afirmações ou interrogações abaixo. Assinale apenas uma alternativa.

1. - Turno

Manhã ()

Tarde ()

2. - Sexo:

1() Masculino

2 () Feminino

✓ **Marque com um (x) o quanto você concorda ou discorda das afirmativas abaixo.**

3. - É importante a participação dos pais na escola.

4() Concordo totalmente

3() Concordo

2() Concordo em parte

1() Discordo

0() Discordo totalmente

4. - Os pais participam com frequência das reuniões escolares.

4() Concordo totalmente

3() Concordo

2() Concordo em parte

1() Discordo

0() Discordo totalmente

5. - A escola auxilia a interação de pais com alunos.

4() Concordo totalmente

3() Concordo

2() Concordo em parte

1() Discordo

0() Discordo totalmente

6. - Os pais participam dos assuntos escolares dos alunos.

4() Concordo totalmente 3() Concordo 2() Concordo em parte

1() Discordo 0() Discordo totalmente

7. - A intervenção familiar na escola promove o melhor desempenho do aluno.

4() Concordo totalmente 3() Concordo 2() Concordo em parte

1() Discordo 0() Discordo totalmente

8. - Os problemas familiares afetam o desempenho escolar do aluno.

4() Concordo totalmente 3() Concordo 2() Concordo em parte

1() Discordo 0() Discordo totalmente

9. - Os alunos com pais ausentes das atividades escolares tem baixo rendimento nas disciplinas pedagógicas.

4() Concordo totalmente 3() Concordo 2() Concordo em parte

1() Discordo 0() Discordo totalmente

10. A escola desenvolve projetos que beneficiam o bairro de Messejana especificamente o Bairro São Bernardo.

4() Concordo totalmente 3() Concordo 2() Concordo em parte

1() Discordo 0() Discordo totalmente

Caso deseje se identificar, deixe seu nome completo.

Nome: _____

Contato. (85) 9 _____ - _____

Questionário alunos:

Questionário

Responda de acordo com o que você sabe sobre o assunto a seguir:

01 – Turma

1ºAno A () 5ºA ()

02- Manhã () Tarde ()

03 - Sexo:

1 () Masculino 2 () Feminino

04- Sua família participa com frequência das atividades escolares?

05- Você acha importante a participação dos pais na escola?

06- Os problemas familiares afetam seu desenvolvimento escolar?

07- O que você acha sobre a educação da escola? E do ambiente escolar?

08- O ensino passado na sala de aula é produtivo para você? De que maneira?

09- Os alunos participam de projetos voltados para a comunidade?

10- Seus pais ajudam nas atividades propostas pelos professores?

Caso deseje se identificar, deixe seu nome completo.

Nome: _____

Contato. (85) 9_____ - _____